

## GÊNERO, MULHERES E MATERNIDADES – UM DIÁLOGO POR CAMINHOS DECOLONIAIS

Priscilla Bezerra Barbosa<sup>1</sup>, Ana Claudia Romano de Lima<sup>2</sup>, Ana Paula Dahlke<sup>3</sup>, Ana Paula de Jesus Nunes<sup>4</sup>, Ketheryn Williamson Neto Brandão<sup>5</sup>, Lisandra Oliveira e Silva<sup>6</sup>, Lislane Feitosa Coelho<sup>7</sup>, Maria Josélia Gomes dos Santos<sup>8</sup>, Natacha Barbosa do Nascimento<sup>9</sup>, Renata Figueiredo Silva<sup>10</sup>, Vanessa Suany da Silva<sup>11</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal do Pará, priscilla.barbosa@ifpa.edu.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, anaclaudia.rdelima@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, anapauladahlike@hotmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal da Bahia, nape.crespasoul@gmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal de São João Del-Rei, ketherynbrandao@gmail.com

<sup>6</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, lisgba@yahoo.com.br

<sup>7</sup> Universidade Federal do Maranhão, candeiaescuta@gmail.com

<sup>8</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, joselia@aluno.unilab.edu.br

<sup>9</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, natachabdn@gmail.com

<sup>10</sup> Universidade Federal da Grande Dourados, rehfigueiredoestudos@gmail.com

<sup>11</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, vanessa.suany082@gmail.com

### Propósito

Debater os lugares sociais impostos às mulheres através da instituição da maternidade, partindo de uma análise histórica, que considere as categorias de raça e gênero como aparatos de sustentação de um projeto de poder colonial que delineia até hoje os sentidos sociais dados às ideias de mulher, maternidade, performances de gênero, casamento e família. Tal delineamento determina as possibilidades de existência do “ser mulher” e a maternidade aprofunda ainda mais os impactos sobre os processos sociais que permitem ou negam o acesso e a construção de carreiras por mulheres.

O presente resumo objetiva apresentar a discussão estabelecida no âmbito do curso de Doutorado em Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos contemporâneos e Demandas populares/UFRRJ, e que teve como resultado a tese intitulada: “A instituição da maternidade e o lugar social das mulheres. Um diálogo a partir de uma perspectiva decolonial” (Barbosa, 2022).

### Revisão da literatura

A pesquisa referenciada foi pensada a partir de um trabalho que teve início em 2015, a partir de uma pesquisa de mestrado. Tal estudo<sup>1</sup>, apontou para a perspectiva que enseja a maternidade como um lugar social que é historicamente concebido e, assim sendo, tendo contexto histórico e temporal específicos, se configura como uma poderosa ferramenta de opressão contra as mulheres em sociedades ocidentalizadas. A partir de então, a base para o estabelecimento da proposta é um profundo debate acerca da categoria colonial de gênero, visto que esta delinea as noções hegemônicas ocidentais de mulher e maternidade. Assim, partimos do pressuposto de que gênero, e tudo que dele advém, foi construído em um determinado tempo-espaço histórico e, assim sendo, apontamos para o momento histórico anterior à sua constituição. A partir disso, a pesquisa de cunho bibliográfico preconizou percorrer os caminhos que levaram à instituição do gênero, profundamente atravessado pela categoria raça, como uma das estruturas de sustentação do projeto colonial moderno.

O debate colocou em diálogo a filósofa e socióloga nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí (2021) e sua potente discussão sobre a construção histórica da ideia de gênero, a filósofa argentina María Lugones (2008) e sua teoria da matriz colonial de gênero, e a vasta pesquisa de Valeska Zanello, que culminou no livro “Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação” (2018), professora do departamento de psicologia clínica da UNB, no campo da saúde mental e gênero, com ênfase nos processos de subjetivação diferenciados para o masculino e para o feminino.

### **Procedimentos metodológicos**

A pesquisa caracterizou-se em um trabalho de teorização com assentamento bibliográfico, tendo como perspectiva teórico-metodológica a *decolonialidade*. A ideia de decolonialidade desenvolvida no bojo das discussões do grupo Modernidade/Colonialidade, composto por um conjunto de intelectuais latino-americanos, advindos das mais diversas áreas do conhecimento, tem como ponto de partida o movimento teórico de pontuar que a Europa e a Modernidade foram construções ideológicas necessárias para o estabelecimento do projeto de poder colonial moderno.

---

<sup>1</sup> Dissertação intitulada: “O filho é da mãe?” construída e defendida ao longo do curso de Mestrado em Educação, através do PPGeduc/UFRRJ, entre os anos de 2015 e 2016. O trabalho recebeu da banca avaliadora a sugestão para que fosse publicado em formato de livro. Dessa maneira, nasceu o meu primeiro livro, que foi publicado no ano de 2017, pela Editora *Substância*, localizada na cidade de Fortaleza/CE (Barbosa, 2017).

A perspectiva decolonial nos permitiu compreender que aquilo que havia antes da colonização e da produção da colonialidade pelos europeus, eram formas outras de identificação, organização política e classificação social, mais amplas e múltiplas que aquela apresentada e imposta a partir do projeto colonial moderno. Logo, a decolonialidade parte do princípio que, para desconstruir ou destruir a lógica colonial moderna, antes, é preciso torná-la evidente. É por este caminho que, pensando em discutir a maternidade e o lugar social por ela delimitado às mulheres, investimos em uma teorização que nos possibilitou desnudar as estruturas que sustentam ainda hoje, as ideias de nossa sociedade acerca do ‘ser mulher’ e do ‘ser mãe’.

### **Implicações da pesquisa**

A pesquisa apresentada provocou um debate sobre a maternidade e, especificamente, acerca de alguns cenários de maternidade no Brasil, com o intuito de pensar sobre a constituição social das mulheres que são mães. Para a discussão, partimos daquilo que chamamos de gênero e, em seguida, percorremos caminhos que tornaram possível uma compreensão de categorias como mulher, família, maternidade e os lugares sociais que estas delineiam e impõem às mulheres. A pesquisa realizada apresentou em sua composição a intenção de politizar para complexificar nossas compreensões sobre quais mulheres e quais maternidades cabem nas percepções hegemônicas que ainda carregamos em nossa sociedade e que possibilidades outras são passíveis de serem almeçadas para que mudanças sociais significativas possam ocorrer.

Inicialmente, apresentamos um panorama sobre a ideia de Colonialidade/Decolonialidade e suas implicações à discussão central proposta. Posteriormente, discutimos a teoria da Matriz Colonial do gênero (Lugones, 2008). A autora parte da teoria de Aníbal Quijano, sobre a matriz do poder colonial, porém conferindo ao gênero centralização no interior do projeto colonial, junto e de forma inseparável, da categoria raça. Para tal complexificação da teoria do poder colonial, Lugones (2008) teve suas reflexões atravessadas pelas teorias dos feminismos negros e feminismos subalternos, tomando como ferramenta analítica a interseccionalidade. A referida autora estabelece diálogo com as discussões da nigeriana Oyěwùmí (2021) a fim de apontar que gênero é uma categoria colonial e que teve seu estabelecimento e imposição em determinado tempo-histórico. Para suas reflexões, Oyěwùmí (2021) apresenta como paralelo a sociedade iorubá pré-colonização

inglesa, para demonstrar que gênero não era uma categoria estabelecida, e que, muito menos, um princípio organizativo das relações sociais. A referida autora tece suas reflexões de modo que nos conduz à compreensão de que o gênero foi construído a partir de uma ação do colonizador europeu.

Após apresentar os cenários de construção histórica da sociedade ocidental a partir do projeto colonial moderno, a pesquisa parte para uma discussão em torno da concepção colonial de “família nuclear patriarcal” e as ideias de mulher, casamento e maternidade. Neste ponto, reflexões sobre a constituição histórica dos processos de subjetivação das mulheres; as dinâmicas entre a família nuclear patriarcal e a mulher; e as múltiplas maternidades vividas, são aprofundadas e complexificadas por diálogos entre a proposição colonial de mundo e as possibilidades passíveis de serem pensadas a partir de uma perspectiva decolonial.

Na sequência, discutimos e questionamos a ideia de sacralidade envolta na função da maternidade, a fim de refletir sobre o que permite que uma mulher e sua maternidade sejam consideradas sagradas em detrimento de outras mulheres que tem constantemente suas existências e maternidades profanadas. Através do diálogo com Aline Xavier da Silva (2016), nossa pesquisa convoca a uma análise crítica sobre o Estado como agente profanador de maternidades, em especial daquelas demarcadas pelos classificadores sociais de raça e classe. A pesquisa de Silva (2016), explicita um cenário onde o Estado profana tanto pela ausência quanto pela presença no que tange às maternidades que destoam daquelas caracterizadas aos moldes da família nuclear patriarcal colonial.

Assim, compreendemos que os processos que podem nos levar a uma descolonização da maternidade necessita atravessar todas as demais categorias construídas no seio do projeto colonial moderno para, assim, impactar naquilo que hoje chamamos de família, casamento, mulher, esposa, mãe e maternidade.

### **Referências**

- Barbosa, P. B. (2017). *O filho é da mãe?* Fortaleza: Substância.
- Barbosa, P. B. (2022). *A instituição da maternidade e o lugar social das mulheres: um diálogo a partir de uma perspectiva decolonial* (Tese de Doutorado em Educação, Contextos

Contemporâneos e Demandas Populares), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu. [bit.ly/4aCWeF5](http://bit.ly/4aCWeF5)

Lugones, M. (2008). *Colonialida y género*. Tabula Rasa. Bogotá – Colombia, (9), 73-101.

Oyěwùmí, O. (2021). *A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos Ocidentais de Gêneros*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Silva, A. X. (2016). *Mães ofensoras: loucas? más? uma releitura de gênero*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura), Universidade de Brasília, Brasília. <http://dx.doi.org/10.26512/2016.08.D.22260>

Zanello, V. (2008). *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação*. 1. ed. Curitiba: Appris.